CULTURAS MIDIÁTICAS

EDITORIAL

Em sociedades cada vez mais marcadas pela pluralidade, a alteridade não se revela como um elemento periférico, mas como fenômeno constitutivo da experiência humana e para além do humano. Reconhecer o(s) outro(s) em sua diferença e singularidade é, ao mesmo tempo, assumir a própria incompletude e abrir-se à diversidade. Nesse sentido, a alteridade se afirma como movimento originário que possibilita a percepção da multiplicidade do mundo e se configura como pressuposto da Comunicação. Ao articular o(s) eu(s) e o(s) outro(s), esse movimento orienta a vida em comum e acolhe as distintas potencialidades da existência e do ato de comunicar.

O presente dossiê, intitulado **Alteridades e Práticas Comunicacionais: diferentes modos de pensar, representar, mediar e narrar o(s) outro(s)**, reúne artigos que evidenciam a relevância de refletir sobre as formas de presença, expressão e de representação de identidades e subjetividades. A noção de alteridade discutida não se restringe ao sujeito humano. Ela abarca também objetos, fenômenos, espaços e entidades que se apresentam e se constituem como diferentes dos seres humanos, porém com os quais interagimos e construímos processos de mediação contínuos.

As práticas comunicacionais, assim como os modos de perceber e interagir em um mundo complexo, têm se transformado de maneira profunda, impulsionadas sobretudo pelas mudanças tecnológicas e culturais das últimas décadas. As mídias digitais, nesse cenário, constituem tanto oportunidades quanto desafios para o reconhecimento e a valorização da diversidade de identidades, culturas, afetos e experiências. Nesse contexto, a alteridade se coloca como chave interpretativa para compreender as dinâmicas comunicacionais contemporâneas.

Publicado pela Revista Culturas Midiáticas (PPGC/UFPB), este Dossiê, organizado em quatro eixos temáticos, propõe dialogar sobre as múltiplas dimensões da alteridade, considerando o entrelaçamento de tecnologias, sujeitos, seres e meios. Essa confluência, acreditamos, estimula a produção de sentidos sobre a diversidade, bem como percepções sobre as formas de ser e de estar no mundo contemporâneo.

No primeiro eixo, *Modos de perceber e narrar o outro*, o artigo das autoras Luiza Gould e Renata Rezende Ribeiro, intitulado **Narrar com o Outro: o método da "leitura de capítulo" de Daniela Arbex como comunicação-vínculo no jornalismo**, reflete sobre como a prática

jornalística pode se amparar na escuta sensível. Já em **Da discursividade e do disciplinar: apontamentos sobre a narração de alteridade e o controle do visível no jornalismo**, o autor José Augusto Mendes Lobato evidencia o quanto as formas de narrar carregam dispositivos de poder, instaurando fronteiras entre o que pode ou não ser visto, dito e reconhecido. Complementando a discussão, o texto **O inferno são os outros? Jornalismo esportivo e construção de estereótipos na cobertura da rivalidade entre clubes de futebol**, com autoria de Thalita Neves, aborda como, em contextos de paixão e pertencimento, as narrativas midiáticas podem reforçar caricaturas e visões estigmatizadas, transformando o adversário em inimigo. Assim, o eixo coloca em debate a ambivalência das práticas jornalísticas: se, por um lado, abrem espaço para vínculos e reconhecimentos, por outro, podem sustentar mecanismos de exclusão e invisibilização.

O eixo *Representações midiáticas da diferença* reúne investigações que examinam como distintas linguagens culturais e midiáticas elaboram, tensionam e reinscrevem identidades marcadas pela diferença. Com autoria de Guilherme Sfredo, **Supergays: a representação dos super-heróis gays nas histórias em quadrinhos** mostra como personagens e narrativas podem questionar padrões heteronormativos, abrindo espaço para novas formas de heroísmo que desestabilizam fronteiras rígidas entre normalidade e desvio. De Luan Ximenes Dias e Eliane Righi de Andrade, o artigo **Transgeneridade forcluída: a representação das dinâmicas de violência em Alice Júnior e Una Mujer Fantástica** evidencia como o cinema, ao mesmo tempo em que visibiliza experiências trans, também expõe a persistência de violências simbólicas e materiais que atravessam corpos e trajetórias. Na mesma direção crítica, **O jogo da ficção no trabalho hospitaleiro das fotografias do projeto "Retratistas do Morro"**, escrito por Mariana Falcão Duarte, Andrea Soto Calderón e Ângela Cristina Salgueiro Marques, amplia a discussão ao problematizar a representação de sujeitos das periferias urbanas. Em conjunto, os trabalhos desse eixo revelam como os meios não apenas refletem diferenças sociais, mas participam ativamente da sua construção, oferecendo possibilidades de resistência e reinscrição simbólica.

O eixo *Atravessamentos entre identidades e ancestralidades* é formado por três artigos. Em **Medios de comunicación y "quilombismo": las comuniones emocionales de maricas negras**, Diego Cotta apresenta investigação sobre como jovens gays negros afeminados utilizam narrativas midiáticas como táticas de sobrevivência diante da subalternização. O autor propõe que os canais de YouTube analisados podem ser vistos como plataformas férteis ao

desenvolvimento de um "quilombismo midiático interseccional", pautado por comunhões emocionais. Em **Ritualidad (neo)ancestral y comunicación biopoética: apuesta epistémica desde el trabajo de campo**, Danilo José Mercado Millán e Lilian Reichert Coelho apresentam um estudo etnográfico multisituado, sensorial e narrativo, na Colômbia e no Brasil, no qual propõem que os rituais são cenários de abertura para outros mundos, gerando uma produção de sentido com suporte na estrutura poética do relato. O estudo dialoga com a episteme comunicacional latino-americana e com teorias sobre xamanismo, a autopoiese e o giro ontológico na antropologia. Em **A escuta como prática do jornalismo alinhado ao Bem-Viver na/sobre Amazônia**, por sua vez, Laiza Mangas, Rosane Steinbrenner e Pedro Bragança apresentam investigação sobre a abordagem de diferentes modelos jornalísticos aos eventos climáticos extremos, com foco no caso da seca na Amazônia. Adotando a escuta jornalística como critério analítico, a pesquisa aponta a ausência de vozes amazônidas e um tom alarmista nos textos do jornal estudado como exemplo da mídia comercial, enquanto no exemplo da mídia alternativa há um acionamento e escuta ativa de indígenas e ribeirinhos, aproximando o jornalismo dos princípios do Bem-Viver.

No eixo *Alteridades expandidas*, Micael dos Santos Olegário e Reges Schwaab, no artigo intitulado **A alteridade com humanos e mais-que-humanos como substrato para um outro narrar**, revisitam aspectos do conceito de alteridade, pensando relações com os campos da comunicação e do jornalismo, além de ampliarem as reflexões sobre o Antropoceno. Tomando como referência aspectos da análise narrativa, em diálogo com a noção de transmetodologia, buscam exemplificar a forma como uma "alteridade mais-que-humana" começa a se manifestar na mídia e na comunicação jornalística. Em **Implicações comunicacionais nas relações com alteridades artificiais**, Tiago Barcelos Pereira Salgado traz uma discussão sobre as implicações comunicacionais nas relações com alteridades artificiais, com foco nas Inteligências Artificiais Generativas, no âmbito do debate pós-humanista. Por meio de abordagem exploratória, reflexiva e argumentativa, o texto revisa de modo não exaustivo a incidência da concepção de humano nas noções clássicas e modernas de ação, tratando a própria condição humana em sua relação intrínseca com as tecnologias, que são propostas como alteridades significativas. Finalmente, em **Entre o encontro e a escrita: hospitalidade na pesquisa em comunicação**, Renata Coutinho de Moura e Vanessa Brandão discutem a escrita de si e a virada afetiva como métodos éticos, estéticos, políticos e de hospitalidade na pesquisa em Comunicação, a partir de uma pesquisa-ação com trabalhadoras

sexuais trans e travestis. O estudo está fundamentado nos conceitos de alteridade, de Emmanuel Lévinas, e de hospitalidade, de Jacques Derrida, e evidencia que a produção de conhecimento pode ser construída a partir de um comum, uma prática compartilhada de escuta e acolhimento.

Ao reunir reflexões que atravessam o jornalismo, as artes visuais, o cinema, os quadrinhos e as próprias metodologias de pesquisa, este dossiê evidencia que a alteridade é sempre uma construção relacional, em permanente disputa de sentidos. Mais do que mapear representações, trata-se de problematizar os modos como narrativas midiáticas e práticas comunicacionais produzem vínculos, exclusões, resistências e possibilidades de reconhecimento. Nesse movimento, a comunicação aparece não apenas como mediadora de diferenças, mas como espaço de criação de mundos comuns, onde a pluralidade se afirma como horizonte ético, político e estético. Assim, esta edição especial da Culturas Midiáticas busca abrir espaço para o debate crítico e interdisciplinar acerca das formas pelas quais a alteridade é percebida, narrada, representada e vivida em confluência com as práticas comunicacionais contemporâneas.

Desejamos a todos, todas e todes uma excelente leitura e reflexão!

Equipe de Editores convidados do Dossiê Temático - Alteridades e Práticas Comunicacionais: diferentes modos de pensar, representar, mediar e narrar o(s) outro(s):

Dra. Camila Freitas (UFPB)
Dra. Judy Tavares (UFAM)
Dr. Ledson Chagas (UFPB)
Dr. Luís Mauro Sá Martino (Faculdade Cásper Líbero)
Dr. Rômulo Oliveira Tondo (IFFar)
Dr. Vilso Junior Santi (UFRR)